

# **Liberdade na voz: um paralelo entre a oralidade e a poesia marginal do Slam Resistência**

Jhyenne Yara Gomes Santana  
Adriana Cristina Omena dos Santos

## **A poesia marginal**

No Brasil, o conceito de literatura marginal surge em meados dos anos setenta, em um processo de verticalização da produção de conteúdos, tanto da literatura como da cultura em geral. Os “poetas marginais” produziram obras que afrontam o cânone literário, sem preocupações com as normas vigentes. Essa literatura marginal dos anos setenta também se refere a um movimento contrário à forma padrão de comercialização da literatura.

Como forma de transgressão, os autores galgaram seu espaço em um novo modo de fazer literatura, indo na contramão das produções daquela época, às ideias das famílias e da sociedade. A regra era não aceitar tais padrões. Essa transgressão era o ponto de intersecção entre diversos autores, de diferentes gerações, regiões e estilos de vida. O processo ganha força na necessidade de

tirar o foco das produções voltadas para a academia e direcioná-los para a comercialização de estilo informal.

Os “marginais” estavam nos corredores das universidades. Estavam na praia de Ipanema, nos casarões de Santa Teresa, nos bares e teatros de Copacabana, nas peladas de futebol do Jardim Botânico, nas quebradas dos morros cariocas, nas dependências livres do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ). Eles escreviam em jornais diversos, desde o Última Hora até o Verbo Encantado, gravavam parcerias musicais em discos de multinacionais como a Philips, viajavam para Londres, Parati e Arembépe, trabalhavam com designers e artistas [sic] visuais, criavam articulações poéticas com outras cidades do Brasil como São Paulo, Salvador ou Brasília. (COELHO, 2013, p.15)

Ainda segundo Segundo Frederico Coelho (2013), a antologia “26 poetas hoje” de Heloísa Buarque de Hollanda foi a obra que “conseguiu apresentar para a posteridade aquilo que a história literária brasileira passou a chamar de poesia marginal”. A obra, que teve uma recepção diversa àquela época, cumpriu seu papel ao apresentar diversos poetas e ideias, sem unidade, sem estilo definido, potencializando a marca da literatura marginal que era a de horizontalização da produção.

De uma forma democrática, a poesia marginal “desnormalizou” definitivamente um espaço que estava caminhando para uma ultraespecialização acadêmica. Ela chamou para a rua vazia de vozes e lotada de medos os que apreciavam poesia e conseguiu dar um novo corpo à figura livre-sca do poeta. Sua ostensividade modista, popular e midiática (algo inaceitável para o poeta ou crítico acadêmico em qualquer época da história) apresentou para uma geração a potencia libertadora da palavra poética. Uma palavra que surgia em novos suportes, articulando a poesia aos outros saberes que circulavam no campo cultural do seu tempo. (COELHO, 2013, p.22)

Nesse período, o conceito de literatura marginal não estava relacionado com a população pobre e periférica, era produzida por pessoas que estavam à margem das grandes e pomposas publicações, seja por preferência pessoal ou por

não conseguirem meios para publicar em grandes editoras. Mas, na década seguinte, esse conceito de literatura marginal adquire novos nuances.

Para a autora Érica Peçanha do Nascimento (2005) no Brasil o termo “marginal” passa a ter outro significado a partir dos anos noventa. O que antes denotava um movimento de novas estratégias de escrita e circulação de textos, a partir dos anos noventa é associado à um grupo de escritores que são originários de periferias urbanas ou que estão à margem da sociedade enquanto pessoas negras, rappers, presidiários e pobres.

Essa identificação de estar à margem da sociedade, que ganha potência a partir dos anos noventa é, ainda hoje, pungente nos saraus de periferia e nos *Slam's* que acontecem Brasil afora.

### **Conhecendo um pouco sobre o *Slam* como expressão**

Segundo o dicionário online Cambridge, *Slam* significa “bater com força”<sup>1</sup>. É nesse sentido de fazer algo com muita força, que as batalhas de poesias conhecidas como *Slam*, surgiu em meados de 1980 quando o poeta norte americano Marc Kelly Smith criou, em um Clube de Chicago, uma competição semanal de poesias, que ficou conhecido como *Uptown Poetry Slam*. A cada edição da batalha, os juízes podiam dizer quem era o melhor competidor a partir de notas dadas aos *slammers*.

Essas batalhas criaram um ambiente coletivo de criação e transmissão de literatura por meio da voz e da expressão corporal. E mesmo que, sujeitos utilizam o espaço para sua arte, a construção se dá em coletivo pois “se não houver plateia a performance poética acaba por se tornar vazia” (D’ALVA, 2014)

No Brasil, os *Slam's* surgem nos anos dois mil, fixando-se principalmente na cidade de São Paulo, que vivia àquela época o crescimento de outro movimento muito importante: o Rap. Junto ao Rap, o movimento da Literatura Marginal ganhava espaço para discussão e produção, fatores que serviram como pano de fundo para que as batalhas de poesias ganhassem força no país.

---

1 Tradução livre de “to close with great force, or to make something close with great force”

Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo. (D'ALVA, 2014, p.109).

Mais do que uma competição de poesia, os *Slam's* são espaços de encontros e troca de experiências que tomaram conta de diversos espaços nas periferias do Brasil, principalmente na cidade de São Paulo. Tornou-se também uma forma de democratizar a literatura, de gritar as dores causadas pelos males sociais e de envolvimento social.

### **O Slam Resistência**

O *Slam Resistência* acontece em todas primeiras segundas-feiras do mês, no viaduto da Praça Roosevelt em São Paulo. Hoje considerado uma das maiores competições de poesias de São Paulo, foi idealizado por Del Chaves e surgiu por influência do *Slam Guilhermina*, também de São Paulo e a partir da efervescência social de 2013, mais conhecida como as “jornadas de junho”, como conta seu idealizador em um texto de apresentação na página *Slam Resistência* no *Facebook*.

A partir de 2014, o *Slam Resistência* emerge como ponto de encontro, de luta, e toma forma de uma poesia marginal no centro de São Paulo.

### **A Praça Roosevelt**

A Praça Franklin Delano Roosevelt, no centro de São Paulo, fica situada entre as ruas Consolação e Augusta, começou a ser construída da década de 1960, sendo inaugurada em 25 de janeiro de 1970, pelo então prefeito Paulo Salim Maluf, durante o regime militar de Emílio Médici. Em forma de pentágono e sem verde, a praça não logrou de sua funcionalidade em ser um espaço de convivência, de lazer, sendo rejeitada por muito tempo. “A construção da

imponente praça, além de promover a estratégica visibilidade das ações dos militares que estavam no poder, teve como uma de suas principais funções o preenchimento da área sobeja do sistema viário da ligação Leste-Oeste da cidade”(MACHADO, 2014, p.3).

Após tantas críticas, desuso e degradação do espaço, a praça Roosevelt foi reinaugura por um montante de 55 milhões em 29 de setembro de 2012, na administração do então prefeito Gilberto Kassab.

Com 25 mil metros quadrados de área, a praça recebeu muitos equipamentos e espaços inéditos – jardins, banheiros, bebedouros, luminárias, “cachorrodrómo” (espaço para cachorros), playground, guarita para a Guarda Civil Metropolitana, base para a Polícia Militar, etc. –, tornando-a cotidianamente ocupada por um considerável número de cidadãos. Seja para jogar bola, andar de bicicleta, beber cerveja, vender artesanatos, treinar malabares, tocar violão, fazer rimas improvisadas, ou, simplesmente, para ficar à toa, a Praça Roosevelt ganhou visibilidade por ter deixado a sua alcunha de degradada e se convertido no mais novo espaço público de lazer da região central de São Paulo. (MACHADO, 2014, p.6)

Com um histórico cheio de falhas, a Praça Roosevelt é o hoje o palco de diversas manifestações culturais e sociais, tornando-se um ponto de socialização no centro de São Paulo. E é lá que o *Slam Resistência* firmou residência.

### **“Sabotagem, sem massagem na mensagem! *Slam Resistência!*”**

Por meio de pesquisa de campo participamos do evento de dezembro de 2016. Assim, apresentamos aqui algumas considerações pertinentes ao funcionamento da batalha de poesias. O evento ocorre na parte mais ao final da praça, onde conta com um estrutura elevada no meio, duas escadas laterais e um pavimento abaixo. Os participantes ocupam todo esse espaço, formando um roda em volta dos mestres de cerimônia e dos participantes do dia. Encostado na mureta central, fica o responsável pelos registros audiovisuais do evento.

A batalha de poesias do Slam Resistência ocorre mensalmente, em todas primeiras segundas-feiras do mês sendo que, a cada mês, apenas um competidor

é consagrado campeão. Na última edição do ano, a competição ocorre entre os vencedores do ano, que concorrem a uma vaga no *Slam* Nacional.

Além dos competidores, a batalha possui outros três núcleos essenciais para o formato, sendo eles o Mestre de Cerimônia, os jurados e o público geral. Em cada edição, são escolhidos aleatoriamente cinco jurados, que serão os responsáveis em atribuir uma nota de 0 a 10 para cada competidor. Na organização do dia, cabe ao Mestre de Cerimônia organizar o local, receber quem está chegando, definir os jurados e fazer a inscrição e o sorteio de apresentação dos participantes. Há também o responsável pela contagem das notas e que irá definir critérios de desempate, se necessário for.

O *Slam* é aberto ao público e não temático, ou seja, os participante podem escolher o que irá recitar, desde que cumpra as normas básicas lembradas no início de cada rodada da batalha, entre elas a obrigatoriedade de texto autoral, a apresentação não ultrapassar três minutos, e o veto a qualquer adereço ou acompanhamento musical.

O *Slam* Resistência, assim como outros, apresenta um público misto, de diversas etnias, gerações e posicionamentos. Desde os competidores, que por vezes são de diversas regiões da cidade, ou até mesmo de outros estados, o público em geral também apresenta essa característica. Existem aqueles frequentadores assíduos mas em grande parte, o público apresenta uma rotatividade. A cada edição, novos visitantes, novos participantes e um grande número de transeuntes. O local, que antes era ignorado pela população, ganha uma nova forma de socialização.

Em todos os locais em que ocorrem, as batalhas de poesia ressignificam os espaços públicos onde acontecem a partir do jogo que instauram, dos laços de amizade que criam e do interesse que geram nos transeuntes que passam por ela e decidem ficar, ou até mesmo os que desfrutam das performances poéticas por pouco tempo. Os espaços que eram apenas zonas de transição viram espaços de permanência e fruição artística. (STELLA, 2015, p.7)

Os *Slam's* se consagram como uma forma de representação social para aqueles e aquelas que até então não viam espaço para apresentar suas obras. Com a

popularização das batalhas, muitos competidores transitam entre uma batalha e outra, em diferentes regiões da cidade, construindo uma rede de contatos e possibilitando uma troca de conhecimentos, de divulgação de trabalho e de fortalecimento de uma comunidade.

Além das apresentações ao vivo, os *Slam's* têm atingido um grande público graças às redes sociais. Fator esse que contribuiu para o reconhecimento e a importância do evento que agora têm se espalhado por outros estados. Na edição de dezembro de 2016, alguns dos competidores já tinham se tornado conhecidos graças a divulgação dos registros em vídeo em suas apresentações passadas, casos como o da poeta Mariana Felix, que atualmente possui 108.269 seguidores em seu perfil no *Facebook*.

## **A oralidade**

Assim como todas as batalhas de poesia, *O Slam Resistência* é o que a autora Marialva Barbosa (2016, p.53) chama de gramática da oralização ao entender que na oralidade, a comunicação oral é completada por outros e pelo corpo que amplia a mensagem transmitida pelo aparelho tecnológico da voz. Segundo a autora,

Gritar é uma forma de expressar não apenas a dor, a emoção, a alegria, mas de deixar claro que está vivo. A voz exprime um sentido comunicacional próprio, em que a amplitude do som torna sempre presente aquele que a profere, mesmo quando não está no quadro da imagem de quem vê. (BARBOSA, 2016, p.53)

Os gestos e as feições que compõem o movimento corporal é de fundamental importância durante a apresentação. Cada artista tem apenas três minutos para recitar sua poesia e encantar aqueles que ali assistem. Mais do que uma recitação, o evento é uma batalha. E é pelo tom de voz e pelo corpo enquanto complemento e extensão de sua voz, que o artista se potencializa a fim de alcançar a maior nota dos juízes. De acordo com Barbosa (2016, p.53 apud ZUMTHOR, 2010, p.11) é possível afirmar que “se o murmúrio pressupõe a intimidade ou o medo do dizer, os gritos mostram a explosão, no sentido da alegria

ou da dor, daquele que o profere em direção a uma origem perdida, ao tempo da voz sem palavras”.

Por não ser permitido o uso de nenhum acompanhamento musical, aqueles que se apresentam em um *Slam* necessitam usar toda a sua potência vocal e corporal para dar vazão a sua poesia e conseguir atingir o público, seja para emocioná-los ou animá-los. Assim, a construção da narrativa ali é acompanhada por gestos e expressões que se configuram como o aporte para a oralidade. O punho em riste, o braço aberto para o alto, o andar e até a dança compõe o cenário daquela praça, que toda primeira segunda-feira do mês, dá vida ao *Slam* Resistência.

O que, em um primeiro momento remete ao amadorismo, por ser uma batalha de poesia, no meio de uma praça na cidade de São Paulo, é mais um exercício de estudo vocal, corporal e de sua poesia. Para aqueles que passam por ali esporadicamente, participar é o suficiente. Mas aqueles que participam mensalmente, trabalham e respiram poesia, aqueles rápidos três minutos de batalha é o fim de uma longa preparação que inclui o processo de escrita e revisão, ensaio da apresentação, além da preparação corporal e vocal.

As batalhas de poesia representam a ocupação de um lugar historicamente negado àqueles que vivem à margem da sociedade, sejam eles negros, pobres, LGBT+, ex-presidiários, usuários de drogas entre outros. O espaço que serve de casa para a batalha acolhe democraticamente aqueles e aquelas que querem expor sua arte, e sua realidade pois, em grande parte, as poesias apresentadas são relatos e retalhos da vivência cotidiana daqueles sujeitos e de seus pares. Por isso, temas como repressão policial, negritude, feminismo, machismo, racismo, pobreza, assédio e questões ligadas à orientação sexual são tão comuns nas batalhas. A oralidade apresentada nas batalha é também, uma forma de resistência às comunidades menos favorecidas que por meio dessas auto-organizações cavam espaços de lazer e socialização, reivindicando para si o que o mercado e a mídia não oferece.

Dentro da cultura, às margens, embora continuem periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, que não se dá simplesmente pela abertura dentro da dominante dos espaços que podem ser



ocupados pelos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural. Isso é válido não somente com relação à raça, mas também diz respeito a outras etnicidades marginalizadas, assim como em torno do feminismo e das políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, que é resultado de um novo tipo de políticas culturais. (HALL, 2013, p.151)

A reivindicação de temas tão caros à esses indivíduos foi uma marca da edição em que comparecemos como pesquisa de campo. Mesmo sem uma temática definida para as apresentações, as poesias recitadas na edição de dezembro de 2018 não eram de temas aleatórios. A maior parte das poesias ali apresentadas eram relacionada a assuntos muito discutidos à época, como as ocupações secundaristas, a presença da Polícia Militar na periferia, assédios e estupro. Destaco aqui alguns pontos que representam a relação entre a poesia, o corpo e a oralidade.

Mariana Felix recita seu poema que toca o dedo na ferida e emociona a maior parte dos que ali estavam presentes e daqueles que depois puderam ter contato com o vídeo disponível na página do *Slam Resistência* no *Facebook*. Utilizando de muitos gestos, Mariana expressa a sua angústia e dor, que podem ser vistas pelas suas mãos sempre em movimento, chamando atenção para seu corpo. As mãos unidas e depois voltadas para o céu, dramatizam quando se fala em religião. Seu olhar percorre a plateia, com um tom de serenidade e o tom de voz muda de acordo com a entonação que ela julga necessária em alguns trechos, como que para provocar reflexões, e, em alguns momentos, incômodo. A mão no ventre é responsável por dar ênfase no que ela fala, da relação da mulher com seu corpo invadido, dolorido e angustiado.

Falar de favela, falta de ações do governo e da necessidade de sempre se provar digno, é a personificação do poema de Lucas Kóka, que enquanto jovem negro e conhecedor daquela realidade, adota uma postura rígida e de afronta. O dedo em riste dá um tom de “autoridade”. As feições ora remetem raiva, ora remetem embate. Com passos curtos, Kóka sempre se direciona para um lado da plateia, como que para que todos ali presentes percebam sua necessidade

de gritar e de se fazer presente naquele espaço. A necessidade de ser entendido é frequentemente demonstrada em seu andar, entonação e gestos. E Koká atingiu seu objetivo, como é possível perceber pelos aplausos assim que finaliza sua apresentação. Aplaudido, ovacionado e recebido de braços abertos por seus amigos, conhecidos e adversários.

### **Alguns exemplos de resistência na literatura marginal**

Entre as diversas poesias recitados, destaco dois aqui. Foram elas as poesias que disputaram a batalha final do evento de dezembro de 2016, sendo que, o grande vencedor da noite foi Lucas Koká, muito conhecido pelo público fixo do Slam Resistência e por ter se tornado um dos ícones da resistência secundarista nas ocupações de 2015 - 2016 na cidade de São Paulo.

A escolha das duas poesias aqui apresentadas refletem as discussões em alta na sociedade brasileira à época e pela recepção positiva do público presencial e virtual. As duas poesias também representam toda discussão abordada neste trabalho acerca da literatura marginal, da origem dos *Slam's* e da importância da oralidade e da expressão corporal neste evento. Mariana Félix e Lucas Konká são representações da força das palavras faladas.

#### **Mariana Félix**

Sentou para fazer o teste  
pela primeira vez juntou as mãos  
e pediu ao deus cristão  
reprovação  
ali sentada, não chamava Maria e era pouca a sua graça  
sabia que nenhum espírito santo ali abençoara  
se levantou, ensaiou as explicações para o pastor, sua mãe, a sociedade  
pensou em procurar aquele que do que ela carregava era dono da metade  
mas recuou  
não queria o que dentro habitava  
não queria escolher nome próprio nem ser casada  
queria mesmo era sua vida mudada  
saiu sem ver o resultado, foi pra rua em busca de um abraço

no silêncio de um segredo não contado  
parou numa farmácia, pediu ao moço a droga mais usada  
pra se livrar do que não aguentava, mas já carregava  
parou em um parque, pedindo perdão ao ventre quem nele habitasse  
tomou um comprimido  
e sem remorso disse adeus e pediu  
pai, perdoa os erros meus  
mas o erro não era dela  
tomou tanta pílula, vivia de tabela  
sempre calculou o perigo do que lhe invadia as pernas  
achou que o comprimido era pouco, tomou logo a cartela inteira  
e como sopro, foi parar no pronto socorro  
ao abrir os olhos quem estava lá?  
o pai da criança a lhe acariciar  
como já fazia há anos naquele inferno que ele chamava de lar  
e ela disse sem bebê e sem ventre que estava cansada daquilo  
que a seguir em frente não aceitaria mais seus abusos  
enquanto ele fingia ser crente  
o mesmo pai, o da criança e o dela  
disse que como homem honrava o que tinha entre as pernas  
e que era direito dele como pai  
ser o primeiro a se deitar com ela  
Fabiana foi abusada durante 13 anos, em sua própria casa  
no quartinho que sua mãe guardava coisas usadas  
ali, escondidinho embaixo das escadas  
no culto de domingo, a dona Glória e o seu José parecia um casal tão lindo  
o pastor disse que Fabiana que estava perdida por ter fugido  
no bolso do pastor, dólares  
prum aborto clandestino de uma irmãzinha com quem ele vinha dormindo  
respondeu aos pais de Fabiana, sorrindo: irmãos, deus os abençoe pelo dízimo.

O vídeo pode ser acessado na página do *Facebook* do *Slam Resistência*:  
<https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1204043043011746/>

## Lucas Penteado Kóka

Era uma vez

Não, para. Isso aqui não é conto de fadas  
e a história que vai ser relatada é só realidade

conta as memórias de uma vida pacata  
que esmagou a maldade

1996, quatro horas da manhã

dilatação de quatro dedos, mas não tinha parteiros

a saúde de onde eu moro, me dá nos nervos

nome da mãe: Andréa

preta

nesse mundo é treta

quando madura via que a vida era dura

parecia que deus olhava e dizia poucas idéias

Prazer, sou sim o desgraçado como engravatado tinha me falado

é mas ele ficou impressionado

porque além de negro drama sou negro estudado

e eu sei que tenho muito para estudar

porém, na academia da hipocrisia

a matéria que eu não entendia eles querem tirar

mas um dia eu chego na universidade

eles nem tão ligado que a vida serviu de faculdade

tinha apenas três matérias: miséria, escravatura, infelicidade

pois é brasil

eu nunca tive um boot de mil

mas no sistema eu vou tentar dar uma bota

porque eu quero ver meu bem

quando enem tira 100

eles falarem que foi cota

O vídeo pode ser acessado na página do *Facebook* do *Slam Resistência*: <https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1198174160265301/>

## Considerações finais

A literatura marginal passou de um “movimento” por uma escrita e produção de literatura sem amarras para uma produção feita e apropriada por aqueles que estavam à margem do sociedade. Com o protagonismo da periferia, a literatura marginal ganha as ruas por meio de saraus e de batalhas de poesias, conhecidos como Slam. Como consequência desse empoderamento, muitos jovens e adultos perceberam que sua voz e seu corpo poderiam ser o suporte necessário para sua arte e, com o uso das Redes Sociais, esses jovens estão alcançando público e seguidores Brasil afora.

A poesia que ali vi, ouvi e senti, conhecida como poesia marginal, é a resistência de um povo que quer ser ouvido e entendido. O agendamento das temáticas não é coincidência. Falar de aborto, assédio, pobreza, acesso às universidades não se torna estranho quando faz parte da vivência do indivíduo. O Slam Resistência, assim como dezenas de outros que acontecem no Brasil, é a porta de entrada para muitos jovens e a válvula de escape. O Slam Resistência surgiu após a efervescência social de junho de 2013, momento em que a juventude ergueu seus braços e vozes e foram às ruas. Lutaram e lutam por uma sociedade combativa, que enfrenta e constrói políticas em defesa das pautas sociais e culturais. E hoje, quatro anos após sua criação, emerge como ponto de encontro de luta, em forma de poesia.

## Referências

BARBOSA, Marialva. *Escravos e o mundo da comunicação: oralidade, leitura e escrita no século XIX*. Mauad Editora Ltda, 2017.. – 1 ed. – Rio de Janeiro : Mauad X, 2016.

COELHO, Frederico. Quantas margens cabem em um poema?—Poesia marginal ontem, hoje e além. *Poesia marginal: palavra e livro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2013.

D’ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo, 2014.

DO NASCIMENTO, Érica Peçanha. *Por uma interpretação socioantropológica da nova literatura marginal*. Plural (São Paulo. Online), v. 12, p. 21-46, 2005.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura popular negra. *Revista Lugar Comum Revista Lugar Comum Revista Lugar Comum*. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 13-14, p. 147-159, 2001.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista*.

SARAIVA, Arnaldo. *O conceito de literatura marginal. Discursos: estudos de língua e cultura portuguesa*, p. 15-23, 1995.

RESISTÊNCIA, Slam (2016). Mariana Félix. *Vídeo da participação de Mariana Félix no Slam Resistência, dez. 2016*. São Paulo. On-line. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1204043043011746/>>. Acesso em: 08 abril, 2018.

RESISTÊNCIA, Slam (2016). Lucas Penteado Kóka. *Vídeo da participação de Lucas Kóka no Slam Resistência, dez. 2016*. São Paulo. On-line. Disponível em: <<https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1198174160265301/>>. Acesso em: 08 abril, 2018.

SLAM. In: *Dicionário online Cambridge*. Disponível em <<https://dictionary.cambridge.org/pt/>>. Acesso em 8 abril. 2018.

STELLA, Marcello Giovanni Poci. *A Batalha da Poesia.... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo*. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 17, 2015.

VALERY, Gabriel. *Resistência e Representatividade*. Rede Brasil Atual, 10 de agosto de 2018, 17h37. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/138/slam-resistencia-a-poesia-e-a-voz-de-quem-sempre-sofreu-calado>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018

## Sobre a autora

**Jhyenne Gomes**, 24 anos é mulher, negra, militante das causas sociais e fotógrafa amadora. Estuda Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia em Minas Gerais. Bolsista do Cnx Educomunicação tem feito de sua graduação um local de resistência pois acredita que é necessário ocupar os lugares que são negados às mulheres, pretas e pobres. Atua com pesquisas na área dos Direitos Humanos e Mídia, com enfoque na representação da imagem da mulher negra. “A presença da mulher negra no rap nacional” é tema de sua pesquisa de conclusão de curso. Para contato: [jhyennegomes@gmail.com](mailto:jhyennegomes@gmail.com)